

COMPETITIVIDADE DO LEITE NO MERCOSUL: O Caso de Minas Gerais e Argentina²⁵

Maria Helena Vilhena Reis²⁶

Ricardo Pereira Reis²⁷

Antônio João dos Reis²⁷

RESUMO: A cadeia agroindustrial brasileira do leite é uma das mais sensíveis à integração do Mercosul, pois abre um mercado em situação de igualdade para países com diferentes condições de produção e produtividade. Para avaliar a competitividade do leite produzido no Sul/Sudeste de Minas Gerais em relação ao importado da Argentina, foram comparados os custos de produção do leite sob diferentes sistemas de produção. Procedeu-se o cálculo do Coeficiente de Proteção Nominal (CPN) do leite, variável econômica utilizada para medir a competitividade do produto. O resultado do CPN maior que um revela que só é vantajoso importar leite da Argentina quando o que vem de Minas Gerais for produzido com baixa tecnologia. Já o leite mineiro de produtores de alta tecnologia pode competir com o produto importado da Argentina, como indica o coeficiente CPN menor que um.

TERMOS PARA INDEXAÇÃO: Competitividade, leite, Mercosul

1 INTRODUÇÃO

O Mercado Comum do Sul (Mercosul) é um desafio de integração econômica entre Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai, assinado em março de 1991, mas efetivamente implantado em janeiro de 1995.

No caso específico do Brasil, a cadeia agroindustrial do leite é uma das mais sensíveis à integração Mercosul, já que coloca em condições de igualdade países com diferentes condições de produção e produtividade.

Em 1996, a produção nacional de leite atingiu cerca de 19 bilhões de litros, enquanto que na Argentina foi de 8,7 bilhões de litros de leite. O Brasil importou em 1996 cerca de 12% da sua produção doméstica e o Mercosul teve uma participação significativa nesta importação.

Apesar do principal destino do leite argentino ser o mercado interno, no período 1991-96 as exportações representaram aproximadamente 7% da produção doméstica. Em 1996, o Mercosul adquiriu 80,1% das exportações de lácteos argentinos, e destes, 87,6% foram destinados ao Brasil (Secretaria de Agricultura, Ganaderia, Pesca Y Alimentación, 1997).

A produtividade e a qualidade do rebanho aliadas a fertilidade dos solos e manejo de pastagens são algumas das características que permitem aos produtores argentinos produzirem a custos significativamente menores que os dos brasileiros. Estudo conduzido por Andrade (1994) revela que, para cada litro de leite produzido em Minas Gerais produz-se, em média, 2,1 litros na Argentina.

O Estado de Minas Gerais representa cerca de 30% da produção nacional e a efetivação do Mercosul, com certeza, provocará efeitos diferenciados entre grupos de produtores mineiros em razão das diferenças nas eficiências técnicas e econômicas dos sistemas de produção.

Este artigo buscou avaliar a competitividade do leite produzido no sul/sudeste de Minas Gerais em relação ao leite importado da Argentina. Primeiro foi realizado um estudo comparativo dos custos de produção do leite produzido em diferentes sistemas de produção na região de estudo. Posteriormente, estimou-se o custo de internalização do leite em pó argentino no mercado mineiro. Com a estimativa do custo interno intermediário, que representa o preço do leite fluido na plataforma da usina, efetuou-se o cálculo do coeficiente de proteção nominal do leite, que é a variável econômica utilizada para medir a competitividade do produto.

²⁵ Parte da dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras (UFLA), pela primeira autora, para obtenção do grau de Mestre em Administração Rural.

²⁶ Zootecnista, Mestre em Administração Rural

²⁷ Professor Titular do Departamento de Administração e Economia da UFLA, Cx. Postal 37. 37200, Lavras, MG, Fax (035) 829-1542. E-mail: dae@ufla.br.

2 METODOLOGIA

O custo de internalização do produto importado foi calculado somando-se o preço FOB do leite industrial, frete, ICMS na fronteira, guia de importação, carta de abertura de crédito e outras taxas. Como o produto importado é o leite em pó desnatado, deve-se aplicar uma tabela de conversão para transformar o leite em pó em leite fluido. Segundo informações do Departamento de Ciência dos Alimentos (DCS) da Universidade Federal de Lavras (UFLA), para efeito de estimação dos custos, a conversão do leite em pó desnatado em leite fluido é de 1 kg de leite em pó para 9,5 litros de leite fluido. De acordo com Araújo (1994), agregou-se ainda uma margem de 20% para cobrir os custos de industrialização, embalagem e adição de gordura no leite em pó importado.

Ainda segundo Araújo (1994), o ICMS na fronteira correspondeu a 18% do preço do produto, o frete correspondeu a 5% a guia de importação e abertura de crédito foi de 2% e o valor de outras taxas chegou a 1% do preço do leite. Neste estudo, utilizou-se o preço FOB médio do leite em pó desnatado importado da Argentina no ano de 1995.

Para se estimar o custo interno intermediário, utilizou-se a seguinte expressão adaptada de Araújo (1994):

$$CI = C_I^P * (1 + t_i + m_i + n_i),$$

em que:

CI = custo interno intermediário; C_I^P = custo interno ao produtor; t_i = valor do imposto indireto; m_i = margem de processamento; e n_i = margem de transporte. Com base na expressão (1) o custo interno intermediário é formado pelo custo interno ao produtor, a alíquota do ICMS, a margem de processamento e a margem de transporte da fazenda até a usina.

Para o custo interno ao produtor, considerou-se o custo de produção da atividade leiteira, estimado através do estudo de 60 fazendas produtoras de leite localizadas no sul e sudeste de Minas Gerais. Estes dados foram obtidos através da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER-MG) do projeto "Acompanhamento de Fazenda Típica de Produção de Leite". Foram selecionadas 3 categorias de 20 produtores cada, tomando como parâmetro o nível de produtividade alta, média e baixa. Estas categorias de produtores foram estabelecidas conforme trabalho de Rufino; Gomes (1992), e neste estudo foram indicativas do grau de tecnologia dos produtores de leite.

O imposto indireto é a alíquota de 7% para o leite fluido, e refere-se ao ICMS de Minas Gerais para circulação de mercadoria dentro do próprio Estado, conforme Decreto 32.535 (Minas Gerais, 1991); considerou-se 7% sobre o custo interno ao produtor.

Publicações da COONAI (1991) revelam que o leite fluido com 3% de gordura apresenta, em média, uma margem de processamento de 39,4% sobre o custo interno ao produtor. Esta margem engloba os custos da usina mais o percentual de quebra do leite, e foi utilizada neste estudo.

De acordo com Gomes; Mello; Martins (1989), o custo de transporte está dividido em dois percursos. O primeiro refere-se ao percurso da fazenda para usina. O segundo corresponde ao trajeto da usina para o distribuidor. O custo total do transporte de leite, em média, corresponde a 10% do preço do leite. O primeiro percurso é o que nos interessa e correspondeu a 7% do custo de produção.

Para se fazer a avaliação da competitividade do leite fluido produzido no sul e sudeste do estado de Minas Gerais e na Argentina, efetuou-se o cálculo do coeficiente de proteção nominal (CPN). O CPN é calculado por meio da razão entre o custo interno intermediário e o custo de internalização do produto importado. Se o CPN for maior que 1, significa que o custo do produto interno é maior que o custo do produto importado. Se o CPN for menor que 1, o custo do produto interno é menor que o custo do produto importado e internalizado no mercado. Se o CPN for igual a 1, os custos são iguais.

A composição do custo total de produção da atividade leiteira foi formada pelo custo variável total e custo fixo total. Para o custo variável total considerou-se o somatório de todos os custos referentes a mão-de-obra, alimentação, medicamento e sanidade, transporte, inseminação artificial, energia e combustível, reparo de benfeitorias, máquinas e equipamentos e a remuneração do capital de giro. O custo fixo total foi estimado através da soma das depreciações de benfeitorias, máquinas, motores, equipamentos, forragens não anuais, animais, impostos e taxas e a remuneração do capital fixo.

Os preços considerados para estimativa dos custos na Argentina foram de junho de 1993, e com correção cambial foram atualizados para dezembro de 1995. O cálculo do fator de correção foi baseado em Dornbusch; Fisher (1991) e Sato (1995). No Brasil, como o custo de produção foi de dezembro de 1995 na moeda corrente, fez-se a conversão para o dólar deste mês pelo câmbio oficial.

3 CUSTOS DE PRODUÇÃO DA ATIVIDADE LEITEIRA ENTRE ARGENTINA E SUL/SUDESTE DE MINAS GERAIS

Os custos de produção da atividade leiteira para os casos estudados em Minas Gerais estão apresentados no Quadro 1, e os da Argentina no Quadro 2.

QUADRO 1 - Composição do Custo Total da Atividade Leiteira Para Diferentes Níveis de Produtividade no Sul e Sudeste de Minas Gerais. US\$/1, 1995.

Discriminação	Nível de Produtividade ¹		
	Baixa	Média	Alta
Custo variável	0,18	0,16	0,16
Custo fixo	0,18	0,13	0,12
Custo total de leite	0,36	0,29	0,28

¹ Baixa produtividade – 4,2 litros/vaca/lactação/dia

Média produtividade – 5,7 litros/vaca/lactação/dia

Alta produtividade – 10,7 litros/vaca/lactação/dia

QUADRO 2 – Composição do Custo Total da Atividade Leiteira na Argentina, US/1, 1995.

Discriminação	Custo Padrão Corrido
Custo variável	0,14
Custo fixo	0,04
Custo total de leite	0,18

FONTE: Araújo (1994), adaptado pelos autores.

Observando-se os Quadros 1 e 2, verifica-se que o custo de produção argentino é menor. Os custos variáveis da atividade leiteira na Argentina se mostraram 12,5%, 12,5% e 22 2% menores em relação às categorias de alta, média e baixa produtividade em Minas Gerais, respectivamente.

O custo fixo da atividade leiteira argentina também é menor em 66,6%, 69,2% e 77,7% com relação as categorias de alta, média e baixa produtividade estudadas em Minas Gerais. Isto parece indicar que em Minas Gerais as condições de produção necessitam de maiores investimentos que reduzam os custos fixos, revelando a importância dos ganhos de escala. As instalações para produção de leite na Argentina são relativamente simples mas práticas, ao contrário de estrutura "pesada" para se produzir leite em Minas Gerais.

Na Argentina, o custo total por litro de leite apresenta-se menor em 35,7%, 37,9% e 50% que os mesmos custos nas faixas de alta, média e baixa produtividade. Assim, para cada um litro de leite produzido no sul/sudeste de Minas Gerais, produz-se 1,5 litros 1,6 litros e 2,0 litros na Argentina, considerando as categorias de produtividade alta, média e baixa.

4 COEFICIENTE DE PROTEÇÃO NOMINAL

O custo de internalização do leite em pó argentino na região sul/sudeste de Minas Gerais foi de US\$ 2,58 por quilograma do produto (Quadro 3). Deve-se considerar que ao transformar o leite em pó em leite fluido, agrega-se uma margem de custo para a adição de gordura, industrialização e ensacamento equivalente a 20% do preço da matéria prima. Com isto, o custo total de internalização ficou em US\$ 0,33 por litro de leite fluido.

O custo interno intermediário do leite produzido no sul/sudeste de Minas Gerais está também no Quadro 3.

QUADRO 3 - Custo de Internalização do leite Argentino, Custo Interno Intermediário do Leite em Minas Gerais e Coeficiente de Proteção Nominal do Leite, 1995.

Preço FOB (US\$/t)	2.050		
Frete	102		
ICMS na fronteira (US\$/t)	369		
Guia de importação e carta de abertura de crédito	41		
Outras taxas	20		
Custo total de internalização (US\$/t)	2.582		
	Nível de Produtividade ¹		
	Baixo	Médio	Alto
Custo interno do produtor (US\$/t)	0,36	0,29	0,28
ICMS (US\$/t)	0,03	0,02	0,02
Margem de processamento (US\$/t)	0,15	0,11	0,11
Custo de transporte (US\$/t)	0,03	0,02	0,02
	Nível de Produtividade ¹		
	Baixo	Médio	Alto
Coeficiente de Proteção Nominal (CPN)	1,33	1,00	0,96

¹ Baixa produtividade – 4,2 litros/vaca/lactação/dia
Média produtividade – 5,7 litros/vaca/lactação/dia
Alta produtividade – 10,7 litros/vaca/lactação/dia

O resultado do coeficiente de Proteção Nominal (CPN), ilustrado no Quadro 3, revela que o leite argentino só leva vantagens quando a produção ocorre em propriedades de baixa tecnologia, indicadas pelo nível de produtividade. O CPN maior que 1 mostra que o custo interno do leite é maior que o custo de internalização do produto importado da Argentina. No caso da categoria de média produtividade (CPN = 1), os custos se igualaram, significando que é indiferente para a indústria de laticínios mineira processar o leite da região sul/sudeste ou o importado. Já o leite produzido em Minas Gerais por produtores com alto grau de tecnologia apresenta competitividade com o produto importado da Argentina, revelado pela análise do CPN menor que 1.

5 CONCLUSÕES

Nos últimos anos, a atividade leiteira vem passando por profundas transformações, que começaram com a liberação do preço do leite, a preocupação com o leite do Mercosul, o aumento do consumo com a queda da inflação, a necessidade de melhoria na qualidade do produto e a entrada no mercado de novas regiões de produção, como o leite do cerrado mineiro e goiano.

A pecuária leiteira é uma atividade que responde muito bem aos ganhos de escalas, reduzindo custos a medida que aumenta o volume de produção. Produtores buscando melhoria na qualidade e produtividade definem o novo perfil de produção de atividade leiteira e a sua interação com toda a cadeia do leite. Cada vez mais o produtor com escala é disputado no mercado do leite.

A melhoria dos indicadores zootécnicos da produção de leite, tomando a atividade especializada, é uma das condições para tornar o leite da região sul/sudeste em condições de enfrentar o produto importado. Se impõe também uma profissionalização de pecuária leiteira, onde a administração de custos passa a ser uma questão de sobrevivência da atividade.

6 REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, J.M.P. de. **A competitividade do complexo lácteo no MERCOSUL**: um estudo de multicasos no estado de Minas Gerais. Lavras: ESAL. 1994. 88p. (Dissertação - Mestrado em Administração Rural).

ARAÚJO, C.M. de. **Competitividade de diferentes sistemas de produção de leite em Minas Gerais frente ao MERCOSUL**. Viçosa: UFV. 1994. 75p. (Dissertação - Mestrado em Economia Rural).

COOPERATIVA NACIONAL AGRO-INDUSTRIAL - COONAI. **Tabela de correção de preço do leite - n. 19/91 - leite tipo C**. Ribeirão Preto, 1991. n.p.

DORNBUSCH, H.; FISHER, S. **Macroeconomia**. 5.ed. São Paulo: Mac Graw-Hill, 1991. 930p.

GOMES, S.T.; MELLO, R.P.; MARTINS, P.C. **O custo de produção do leite**. Brasília: SNAB/MA, 1989. 66p.

MINAS GERAIS. RICMS do Estado de Minas Gerais, aprovado pelo decreto 32.535 de 18 de fevereiro de 1991, **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 19 de fevereiro de 1991. (Caderno Especial).

SECRETARIA DE AGRICULTURA, GANADERIA, PESCA y ALIMENTACION. El sector lacteo en la Argentina.

RUFINO, J.L.S.; GOMES, S.T. Economia de produto - leite - economia de escala na produção leiteira. **Economia Rural**. Viçosa, v.3, n.2, p. 7-10 jul./set. 1992.

SATO, R.A. de C. **A cadeia agroindustrial do queijo no MERCOSUL**: uma simulação de custo. Lavras: UFLA, 1995. 71p. (Dissertação - Mestrado em Administração Rural).